

# Deixem o Oriente Médio se autogovernar

Por Jeffrey Sachs

*Valor Econômico*, 2.9.2014

**Os Estados Unidos e seus aliados simplesmente não gostam dos resultados da democracia árabe, que frequentemente produz governos nacionalistas, anti-Israel, islâmicos e perigosos aos interesses petrolíferos dos Estados Unidos.**

É hora de os EUA e outras potências deixarem o Oriente Médio se autogovernar, segundo os ditames da soberania nacional e da Carta da ONU. Num momento em que os EUA pretendem realizar mais uma rodada de ação militar no Iraque e de intervenção na Síria, o país deveria reconhecer duas verdades fundamentais.

Em primeiro lugar, as intervenções americanas, que custaram aos EUA trilhões de dólares e milhares de vidas nos últimos dez anos, desestabilizaram sistematicamente o Oriente Médio, ao mesmo tempo em que geraram enorme sofrimento nos países afetados. Em segundo lugar, os governos da região - Síria, Arábia Saudita, Turquia, Irã, Iraque, Egito e outros - dispõem tanto do estímulo quanto dos meios para alcançar ajustes mútuos. O que os detêm no momento é a convicção de que os EUA ou alguma outra potência externa (como a Rússia) vão conquistar uma vitória decisiva em seu favor.

Com a queda do Império Otomano, no fim da Primeira Guerra Mundial, as grandes potências da época, o Reino Unido e a França, se empenharam em instaurar Estados sucessores a fim de garantir seu controle sobre o petróleo e a geopolítica do Oriente Médio, bem como de suas rotas de passagem para a Ásia. Seu cinismo instaurou um comportamento duradouro de destrutiva intromissão externa. Com o despontar subsequente dos EUA como potência mundial, o país deu o mesmo tratamento à região, ao empossar, derrubar, subornar ou manipular os governos da região, reiterando, o tempo todo, a retórica democrática.

Menos de dois anos após os democraticamente eleitos Parlamento e premiê do Irã, Mohammad Mossadegh, terem nacionalizado a Companhia de Petróleo Anglo-Iraniana, em 1951, por exemplo, os EUA e o Reino Unido usaram seus serviços secretos para derrubar Mossadegh e conduzir ao poder o incompetente, violento e autoritário xá Reza Pahlevi. Não foi surpresa que a Revolução Islâmica que causou a queda do xá em 1979 tenha introduzido em sua esteira uma onda violenta de antiamericanismo. Em vez de buscar a reconciliação, no entanto, os Estados Unidos apoiaram Saddam Hussein durante os oito anos da guerra Irã-Iraque, na década de 1980.

Os EUA apoiaram o golpe de 1968 que conduziu ao poder o Partido Baath - e Saddam. Com a invasão do Kuwait por Saddam em 1990, no entanto, os EUA voltaram-se contra ele e estão enredados na política iraquiana desde então - o que inclui duas guerras, regimes de sanções, a derrubada de Saddam em 2003 e reiteradas tentativas, ainda neste mês, de instalar um governo considerado aceitável.

O resultado foi uma catástrofe absoluta: a destruição do Iraque como uma sociedade em funcionamento numa guerra civil em curso, alimentada por potências externas, que levou à ruína econômica e ao colapso dos padrões de

vida. Centenas de milhares de iraquianos morreram em decorrência da violência desde 1990.

A Síria passou por décadas de domínio francês após a Primeira Guerra Mundial, e, em seguida, por relações alternadamente frias e calorosas com os EUA e a Europa desde a década de 1960. Durante os últimos dez anos os EUA e seus aliados tentaram enfraquecer e, em seguida, derrubar o regime do presidente Bashar al-Assad, a partir de 2011, primordialmente por meio de uma guerra entre forças títeres destinada a minar a influência do Irã sobre a Síria.

Os resultados foram devastadores para a população síria. Assad continua no poder, mais de 190 mil sírios morreram e milhares foram desalojados, em decorrência de uma insurreição apoiada pelos EUA e seus aliados (com Assad sendo apoiado pela Rússia e pelo Irã). Algumas autoridades americanas estariam, no momento, estudando a possibilidade de firmar uma aliança com Assad para combater o militante Estado Islâmico, cuja ascensão foi propiciada pela insurreição respaldada pelos EUA.



Após décadas de intervenções cínicas e muitas vezes secretas de EUA, Reino Unido, França, Rússia e outras potências externas, as instituições políticas da região se fundam, em grande medida, na corrupção, na política sectária e na força bruta. Mas, toda vez que irrompe uma nova crise no Oriente Médio, os EUA voltam a intervir, talvez para mudar um governo (como acaba de orquestrar no Iraque) ou para lançar um novo ataque à bomba. Acordos de bastidores e violência continuam na ordem do dia.

Acadêmicos especializados na região afirmam que os árabes não conseguem administrar a democracia. Na verdade, os EUA e seus aliados simplesmente não gostam dos resultados da democracia árabe, que muito frequentemente produz governos nacionalistas, anti-Israel, islâmicos e perigosos aos interesses petrolíferos dos EUA. Quando as urnas se movem nessa direção, os EUA simplesmente ignoram os resultados do pleito (como fizeram, por exemplo, em 2006, quando o Hamas conquistou uma grande maioria na votação popular em Gaza).

Os EUA não têm capacidade de deter a espiral da violência no Oriente Médio. Os prejuízos sofridos por Líbia, Gaza, Síria e Iraque exigem que seja encontrada uma solução política na própria região, e não imposta de fora. O Conselho de Segurança da ONU deveria criar um marco regulatório internacional pelo qual as

principais potências se retraíssem, levantassem as mutilantes sanções econômicas e cumprissem os acordos políticos alcançados pelos próprios governos e facções da região.

Irã, Turquia, Egito, Síria e outros vizinhos se conhecem suficientemente bem - graças a mais de 2 mil anos de comércio e de guerras - para chegar a uma solução por conta própria, sem interferência de EUA, Rússia e as antigas potências coloniais da Europa. Os países do Oriente Médio têm interesse comum em impedir o acesso de grupos ultraviolentos como o Estado Islâmico a armas, dinheiro e atenção da mídia. Eles também têm o interesse comum de manter o petróleo fluindo para os mercados mundiais - e de embolsar o grosso da receita por ele gerada.

Não estou afirmando que todos ficarão bem se os EUA e as outras potências saírem. Existe suficiente ódio, corrupção e armas na região para mantê-la em crises por vários anos ainda. E ninguém deve esperar a instauração de democracias estáveis no curto prazo.

Mas não serão encontradas soluções duradouras enquanto os EUA e outras potências externas continuarem a interferir na região. Cem anos após o início da Primeira Guerra, as práticas coloniais têm, finalmente, de acabar. O Oriente Médio precisa da oportunidade de se autogovernar, protegido e respaldado pela Carta da ONU, e não por qualquer grande potência individual. **(Tradução de Rachel Warszawski)**